



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

REGISTROS DA MEMÓRIA CULTURAL EM JORNAIS DE ITABUNA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Tânia Valéria Céio de Oliveira *****
(Colégio da Polícia Militar)

RESUMO

Na primeira metade do século XX, a cidade de Itabuna apresentava uma profícua produção jornalística, cuja história não se encontra satisfatoriamente documentada, havendo apenas estudos isolados de testemunhos da época. Dessa maneira, este artigo tem como objetivo demonstrar, na existência (materialidade) desses jornais, publicados, entre 1914 e 1952, um arquivo (porque fechado) de memórias que vêm à tona e reúne elementos que dão um significado especial a uma dimensão histórica de relevância para a memória cultural. Tal pesquisa ancora-se, sobretudo, nos conceitos de Memória e Memória cultural, propostos por Jacques Le Goff (1990), Aleida Assmann (2011), et al. O *corpus* de análise composto pelos jornais *O Labor* (1914), *O Esporte* (1922), *O Pharol* (1925), *O Echo* (1925), *O Fanal* (1935), *Voz de Itabuna* (1952), o referido *corpus* indica que a imprensa jornalística dessa época se constitui como materialização de uma herança histórica e, simultaneamente, fonte, ou seja, documentos da memória cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Memória cultura,. Jornais Itabuna, Representação

INTRODUÇÃO

Muitas informações acerca da imprensa em Itabuna se perderam ao longo do tempo, são poucos os registros escritos e as fontes das memórias orais nem sempre são creditadas, mas as informações existentes são ricas do ponto de vista histórico.

***** * Graduada em Filosofia(UESC), Graduada em Letras e Artes c/Francês (UESC), professora do Colégio da Polícia Militar – ACM / Itabuna – BA, Mestrado em Letras e Representações, Linha de pesquisa A-Literatura e Cultura: Representações em Perspectivas (UESC), Orientador: Prof. Dr. Cláudio do Carmo Gonçalves. E-mail: tvco@bol.com.br.
(Este artigo faz parte de um dos capítulos da dissertação: Abrir de Arquivos: O Jornal como Documento de Memória Cultural no Sul da Bahia na Primeira Metade do Século XX – 1914 a 1953)- UESC



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Dantas(1986) registra que por volta da primeira metade do século XX, em 1897, surgiu *A Platéia*, o primeiro jornal a ser editado na região, de formato pequeno e tiragem diminuta. Em 1904 foi impresso o primeiro exemplar do jornal *O Labor*, que circulou por mais de dez anos e foi adquirido pelo Sr. Mares de Sousa. Logo após, em 1905, surge *O Itabuna*, em homenagem ao futuro município, prestes a desmembrar-se de Ilhéus. A partir dessa época, e até 1952, foram registrados mais de cem jornais, além de revistas impressas e duas livrarias: a *Odete*, voltada à venda dos livros didáticos e a *Agenciadora* (livraria e tipografia), que, além de didáticos, vendia obras literárias, principalmente romances.

Dois fatos curiosos marcam esse período^{§§§§§§§§§§}. A Livraria Odete era dirigida por Jovino França, por ser analfabeto é substituído por um italiano; o segundo fato diz respeito à estratégia de vendas da *Agenciadora*, dirigida pelo proprietário Gildésio Lúcio Silva. O senhor Gildésio entrava em contato com as pessoas influentes da época e oferecia-lhes os livros da *Agenciadora*, solicitando-lhes opiniões, as quais eram impressas e colocadas na vitrine ao lado do livro para chamar a atenção do público e, dessa forma, promover mais vendas. Em alguns casos, os mais ricos da cidade achavam petulância de uma livraria pequena solicitar a opinião sobre os livros, e por isso não o faziam, mas esses relatos evidenciam, além do investimento cultural em leitura e escrita na Região Sul da Bahia, as muitas memórias guardadas, conforme diz Le Goff(1990):

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Esse recurso é conhecido como suportes de memória, tanto nos seus aspectos biológicos como psicológicos, não são mais do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem 'na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui.' (LE GOFF, 1990, p.426).

^{§§§§§§§§§§} As informações seguintes, acerca dessas livrarias, foram fornecidas pelo senhor Gildésio Lúcio Silva (proprietário e redator da tipografia e livraria *A Agenciadora*), em entrevista oral realizada por mim, em 19 de setembro de 2013.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva que, nesse caso, podem ser compreendidos como instrumento e objeto de poder. De acordo com Le Goff (1990), os registros mnemônicos aplicam-se em dois tipos de materiais: os documentos (escritos, ilustrados, transmitidos pelo som, as imagens ou a oralidade) e os monumentos (heranças do passado).

Como já antevia Le Goff (1990), a revolução documental de novas unidades de informação promove mudanças: em lugar do fato que conduz ao acontecimento e a uma história linear, surge uma história de continuidade que valoriza o dado e o institui em patrimônio cultural. A memória pode ser, nesse caso, comparada ao que Certeau (1980) chama de um espaço praticado; do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito, pois, os lugares são histórias fragmentárias e, muitas vezes, isoladas em si, dos passados roubados à legalidade por outro. Assim, um objeto, uma lembrança que a memória edita, organiza e recria se constitui como representação da história.

PAISAGENS DA IMPRENSA JORNALÍSTICA: ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

O termo paisagem revela-se como um espaço de passagens, e heranças simbólicas, em que cada fragmento histórico compõe uma tessitura de hábitos sociais, políticos e econômicos implicada em uma tela de comportamentos individuais e coletivos. Esses hábitos, vividos pelos indivíduos em sociedade, ocorridos entre épocas e diferentes gerações é o que tornam a memória crucial no ser, dessa forma, cria-se um elo entre o indivíduo e o que está à sua volta. (LE GOFF, 1990). Esse aspecto pode ser observado a seguir:

Qualquer Assunto

Firmino Alves e Robinson Crusóé

(...) Essa lembrança me veio a propósito das comemorações que hoje se fazem em torno do centenário de nascimento do nosso fundador – Firmino Alves. Não sei por que um forte traço de união me pareceu existir entre esses dois homens: o personagem fictício de De Foe e o rústico e corajoso personagem real de nossa terra. Talvez para alguns a comparação não vá bem todavia, que foi Firmino Alves senão um Robinson Crusóé estilizado à maneira mais próxima do real? (...) De Foe, que segundo se conta escreveu o seu livro baseado apenas em notas, ter-se-ia sem dúvida servido-se de Firmino Alves para uma história aventureira se tivesse conhecido a luta do nosso primeiro desbravador.

[...]

Mas, mesmo assim, a narração de De Foe é até certo ponto uma reunião de símbolos. Ela representa o reverso da inação, a fuga do medo, a desdizência da fatalidade, a violentação do receio. E é nesse sentido que eu compreendi a aproximação entre os dois homens. [...] (Jota Santos, *Jornal Voz de Itabuna*, Ano IV, N.º 162, 1952)

As nuances desse relato comparativo se tornam mais significativas a partir de um prévio conhecimento da obra de De Foe e do seu personagem Robinson Crusóé, tendo em vista que a narrativa é atestada pela memória dos fatos apontados na ficção, constituindo uma paisagem em sintonia com a representação da vida do comendador Firmino Alves. Cosgrove (1998) e Bloch (2001) associam o termo paisagem ao que se vê e se observa. Nesse contexto, partes da história capturadas ao logo do tempo e das gerações se revestem de impressões e apropriações conectadas a elementos ideológicos e sociológicos, posicionados além do espaço meramente físico. Elementos da história impregnados por imagens, lembranças e símbolos passam a compor a representação social sobre a paisagem e, portanto, são transformados em cultura, conforme diz Rosendhal(2001):

Em cada época, o imaginário coletivo define a concepção social de natureza e a traduz transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura [...]. Ao ser objeto dessa lógica estruturante da sociedade, a paisagem é portadora de sentido. Assim veremos que o domínio ideológico que estrutura o espaço total está



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

representado também na organização social das paisagens (ROSENDHAL, 2001, p.11).

Ao se ter a ideia de paisagem como um espaço da organização social, pode-se entrever que a história da imprensa na Bahia é constituída de implicações de uma cultura das sombras, ou seja, de lembranças e memórias vazadas de um passado de glória ou de decadência, as quais, ao longo do tempo foram guardadas ou deixadas de lado. Para Assmann (2011, p.19) é na sociedade que as pessoas normalmente adquirem suas memórias e que elas recordam, reconhecem e localizam suas memórias (HALBWACHS,1990), como se pode observar nos telegramas a seguir:

TELEGRAMAS

Serviço especial de “O Pharol”

– Bitonho Santo Amaro, Heráclito Pernas Tortas, fazendo ponto esquina casa comercial derribando parede. Fanjão.

Rua Lasca, 22 “Pharol” – Urgente –

Peço providência Apinhox Rodrigues – atracaram – motivo pedaço pão – Monteiro.

Ilhéos, 24 “Pharol” – peço João Rego remeter dinheiro peixe, noticia gastando cervejas bares – Marco Paraguassu.

Ilhéos, 25 “Pharol” – Peço este meio Oswaldo Baiao deixar coco população cidade, açambarcando todo entrada barcos. Do correspondente. (Jornal O Pharol, 1925, ano I, N°01)

Esses fatos do cotidiano geram fontes que alimentam as memórias individuais de forma espontânea. A memória cultural, por outro lado, depende das mídias e de políticas. Quando os movimentos de vanguarda ocorrem na Europa e as manifestações sociais emolduravam um novo panorama artístico, se revelando contrárias às ideias de representação da realidade, o “instante captado” através das artes colocava-se de forma a representar os objetos de diversos e simultâneos pontos de vista (cubismo, futurismo, dadaísmo, Bauhaus, neoplasticismo, impressionismo, expressionismo, surrealismo, fauvismo):

A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez é condicionado por filtros, fisiológicos,



sociológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que a organiza, combina e promove arranjos do conteúdo e forma de elementos e processos num jogo de mosaicos (ROSENDHAL, 2001, p. 56).

Para Assmann, (2011, p.20), nesses mosaicos são intercalados os arranjos do cotidiano que representam a sociedade e esse panorama, revestido pela paisagem, exerce pressão sobre o presente. Hoje as muitas memórias diferentes e conflitantes que tornam efetivo o direito de reconhecimento na sociedade se contrapõem a uma história em particular, e torna fundamental o papel dessas memórias para a cultura atual, em um trajeto movido por vivências capazes de construir a ponte que a relaciona a tudo à sua volta e,

Assim, quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais.(HALBWACHS, 1990, p. 25)

Para Halbwachs (1990), o que ocorre a partir das relações pessoais é originado a partir de vários depoimentos, que, ao serem confrontados passam a concordar com o essencial, assim se dá a construção de um conjunto de lembranças. Os jornais da Bahia, ao compor as paisagens da cidade a partir das afinidades do cotidiano evocam e abrangem também o espaço cultural por esses mecanismos. Segundo o autor, nem sempre é necessária a presença do outro para reviver os acontecimentos ou lembranças, pois cada um retoma suas memórias a partir de suas próprias experiências, o que leva a pensar em uma dinâmica da memória sustentada pelos suportes da recordação representada pela vivência na coletividade, ou seja, as experiências individuais nem sempre se relacionam da mesma forma com todos os indivíduos, mesmo que essas



experiências tenham sido compartilhadas pelo grupo. Constata-se, portanto, que as lembranças são estabelecidas a título de conservar:

La mémoire était ainsi, non pas seulement l'objet d'affections pathologiques spéciales, mais également une aptitude à conserver et à restituer ce que est conserve, sans laquelle la pensée em particulier, mais aussi l'avie em general, ne pouvaient être comprises (BERGSON, 2012, p.16).*****

Nessas memórias ficam armazenadas as marcas e expressões de uma época e de como ela pode conservar e restituir as lembranças, os fatos e as influências através da história, dos sentimentos, dos símbolos e das relações entre o homem e a sociedade. Tanto nos jornais da Bahia como em outras regiões do Brasil, os leitores e os ouvintes desses textos imprimiam a essas “leituras” características culturais próprias, as quais não podiam ser deixadas de lado.

Dá-se início a acontecimentos que rompem as velhas tradições. A sociedade passa a ser um retrato dos novos momentos, a arquitetura passa a compor-se de ferro, aço e vidro, o homem se vê em suas fragilidades. A velocidade das máquinas dita o ritmo frenético, e o crescimento nas pesquisas ganham vida nos laboratórios, a ciência dita novas regras. O passo a passo, o detalhe traça um novo contorno nas artes: o abstrato toma forma.

O Brasil, no início do século XX, torna-se um lugar de prosperidade e crescimento. Na Bahia, os acontecimentos regionais renovam a forma de noticiar um fato, adquirem características detalhistas, e a forte influência política do governo, nesses jornais, aponta o caráter dependente. Os periódicos exibiam bom acabamento, cuidadosos com os editoriais e comprometido com a “verdade”. Salvador, capital da Bahia, se destaca, segundo Pontes (2005) como um centro de referência para o jornalismo brasileiro por ter sido a primeira capital do país e uma das cidades com imprensa mais influente ao

***** “A memória foi assim, não só o objeto de condições patológicas específicas, mas também a capacidade de manter e restaurar o que está retido [conservado], sem a qual o pensamento em particular, mas também a vida em geral não poderia ser entendida”. (Tradução própria).



longo dos tempos. Nessa paisagem, a história jornalística é construída e consolida-se em memórias de diversos contextos.

Para Certeau (1980) a nossa sociedade mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar. Esses instantes captados pelo olhar alheio, da conversa de botequins, das caminhadas solitárias, das manhãs ensolaradas, das tardes nos cafés, no surgir da noite caracterizam o espaço urbano. E é à noite que as vozes tomam forma, se conectam com o mundo, para que ao amanhecer estejam representadas as memórias da cidade:

A cidade é o cenário sobre o qual o ser humano vive, age, reage, transforma, constrói, destrói, reconstrói. É, principalmente nas cidades que as ideias, as ações e reações são publicadas – é a *publicidade*, onde as pessoas sofrem reveses causados pela vida econômica, pela política – é a *atrocidade*, onde o que acontece logo é espalhado pela imprensa falada, escrita, televisiva, virtual – a *velocidade*, onde a pobreza extrema impera, tornando os homens sub-humanos – é a *mendicidade*, onde as coisas caducam, ficam fora de moda com rapidez – é a *fugacidade*, onde as festas e o lazer tiram pessoas da rotina, a prece eleva a alma do religioso a Deus – é a *felicidade*, onde o roubo, a mentira, a falsidade imperam – é a *rapacidade*, onde as pessoas podem sentir amor, atração, ou repulsa, desconforto, a chamada topofilia – é a *geograficidade*. Tudo isso parece se processar com mais vigor no centro da cidade – seria a *centricidade*? Ou a (ex) *centricidade*? (ROCHA, 2003, p.20).

São nesses espaços da cidade, portanto, que se constituem o que podemos chamar de memórias – não no sentido de características permanentes para se estabelecer uma identidade, mas de construções de permanência em um *modus vivendes* fundido a partir de um ideal, cristalizados ou transformados ao decorrer do tempo. Nesse contexto de representações temos a vida cultural da cidade, rica de eventos e histórias. As páginas amareladas pelo tempo do jornal *A Tarde* trazem à memória social os debates, desejos, anseios e medos (BANDEIRA E OLIVEIRA, 2012). Desde as primeiras publicações os jornais baianos demonstram o cuidado em guardar o que foi e o que é preservado na Bahia em termos de patrimônio material e imaterial, suas reportagens cumprem um papel que não é só histórico, mas social e cultural. O conceito de lugar de



cultura está relacionado aos lugares onde as práticas culturais se desenvolvem, onde ocorrem movimentos e espaços das representações, segundo Augé (2005):

A modernidade em arte preserva todas as temporalidades do lugar, tal como estas se fixam no espaço e na palavra. Por detrás da roda das horas e dos pontos fortes da paisagem, encontram-se, com efeito, palavras e linguagens. Palavras especializadas da liturgia, do 'antigo ritual', em contraste com as da oficina que canta e palra; palavras também de todos aqueles que, falando a mesma linguagem, reconhecem que pertencem ao mesmo mundo. O lugar consuma-se através da palavra, da troca alusiva de certas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores. (AUGÉ, 2005, p.66-67).

A cumplicidade ocorre no percurso entre as relações pessoais e o mundo em volta, das manifestações das palavras, da história, da memória, dos registros em que o lugar é consumado, e efetiva-se, dá continuidade aos fatos, às lembranças. Nessa perspectiva, Bandeira e Oliveira (2012) discorrem sobre a relação entre o crescimento do jornal *A Tarde* e o crescimento da cidade de Salvador, ressaltando o caráter acolhedor e confiante dessa cidade que exige que o jornal transmita seus anseios, encare e propague as novas demandas, o que se expressou, inclusive, com o surgimento de uma classe média em busca de inovações e modernidade.

Ao revisitar as memórias da vida cultural em Itabuna, revisita-se de alguma forma o que foi preservado por outras memórias individuais, sociais e históricas, como os relatos do jornal *A tarde* (2012) de Salvador. Desse encontro se constata o silêncio do que ficou guardado e do que se pôde capturar dos tempos de glória, de riqueza e de facilidades promovidas pela abundância advinda da cultura do cacau, e por outro lado, o que tornou essas terras um lugar de destaque, que destoava de outras regiões da Bahia. A região cacauzeira vivia um "mundo à parte", protegida e enaltecida pelos grandes fazendeiros, "o fruto de ouro", o cacau promovia e bancava o luxo, as extravagâncias e o investimento cultural.



Em Itabuna, esses registros da memória cultural demonstram a valorização e uma cuidadosa estrutura social, que perdurou por décadas. Em meio a esse contexto a imprensa da época crescia, desenvolvendo-se com inovações e investimentos altos, que seguia não só o contexto local, mas buscava fontes do contexto nacional e internacional às quais se integrava em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar o que a memória é capaz de armazenar e promover como bem cultural. Testemunhos e comportamentos são registrados para compor épocas e diferentes contextos, o que se pode constatar pela alta incidência de pseudônimos utilizados por alguns jornais, a partir da década de 1922. Verifica-se, então, o quanto as relações sociais são geradas por mecanismos silenciosos. Muitos escritores optavam por esse recurso, por um lado, como uma forma de preservarem-se e, por outro, encontravam-se no direito de se colocarem invisíveis diante das questões e dos fatos. A polêmica em torno das situações, a ironia, as declarações de amor, os textos literários, as disputas políticas, o cotidiano eram os temas que sobressaíam nesses textos, conforme podemos observar no texto seguinte de *O Pharol*:

Eu alarmo porque observei...

- o gajo Rodrigues do posto, tirando fiapo com uma senhorinha residente á rua da Lasca. Não seja tão desalmado para com a senhorinha incauta.

Lembre-se da noiva que está na Capital.

- Os almofadinhas Antonio Martins e Lourival Lins em uma banca do "Grande Bar" tratando de reportagem para "O Echo".

Reporters ou policias secretas?

Olho de Lynce (Jornal O Pharol, Anno I, Nº 1,1925)

No trecho acima nota-se a passagem de uma memória social de encenações que vai de encontro com o perfil do jornal *O Pharol* (1925), quando afirma ter como proposta críticas leves, sem ofensas. Para Certeau (1980), a história é a arte da encenação, uma operação que compreende a relação entre o lugar do discurso, os procedimentos de análise e a construção de um texto. Ou seja, o jornalismo, assim como



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

a história, não reconstitui a verdade, interpreta-a. O uso de pseudônimos é variado, os temas são desde o cotidiano, as frivolidades das relações, as declarações de amor, aqui registradas como provedora de memórias da cultura local e nacional:

Visitas ilustres de jornalistas:

O Palmerense – Importante jornal – Paraná

Jornal A Evolução – publica assuntos variados – Therezina

O Orvalho – Jornal Literário e humorístico Santa Cruz

Futura guerra franco-alema - Comunicação dada pelo espírito de Joana d’Arc (traduzida especialmente para o mensageiro)

(Jornal O Labor, Anno I, N.24, 1914)

Nota aos consumidores

Mudança na venda e nos pagamentos devido a I Guerra

Anúncio:

Encarte ‘A Guerra’ não circulará devido está enfermo o correspondente – jornal diário

(Jornal O Esporte, Anno I, N.º7, 1922)

CARTA PERDIDA – Oh anjo encantador!

Comissão de surdos em Itabuna

FUTURISMO E PASSATEMPO – DANDY

Incontestável – sobre o corte de cabelo das mulheres

Para distinguir ou para machucar sobre a moda feminina

Concurso dos feios

(Jornal O Pharol, Ano I, N.º 1, 1925)

Nota de Aniversário - Do jornal O Pharol – início das publicações

Concurso de beleza para mulheres

Busca policial com recompensa

(jornal O Echo, Ano I, N.º 6, 1925)

Resposta sobre a guerra Italo-ethiopia

Correspondências da biblioteca Machado de Assis

(Jornal O Fanal, Ano III, N.º8, 1935)



As memórias trazidas se referem não só a um tempo remoto, vivido, como também às experiências deixadas pelo indivíduo, o grupo, a família em suas relações de convivência na sociedade. Esses aspectos se traduzem na representação cultural de época, nas tendências, nas intimidações, nas ironias, no engajamento dado as reportagens, nos relatos sutis. Nesse caso, portanto, não existe apenas uma materialidade e, sim elementos que compõem histórias e memórias (ASSMANN, 2011). A esse respeito, Maciel (2000) aponta:

A leitura cotidiana, e a crítica, dos jornais exige um exercício para desvendar e cotejar seus múltiplos textos, para estabelecer relações e nexos entre notícias apresentadas de forma tão fragmentada e hierarquizada, para descobrir o que não é dito ou o que é apenas insinuado nas entrelinhas, esmiuçar significados em títulos e destaques que, às vezes, invertem ou até desautorizam o conteúdo das matérias; enfim, para elaborar uma opinião e a crítica sobre a realidade em meio ao poder e à universalidade das representações elaboradas diariamente pelos jornais, precisamos realizar um trabalho árduo e uma intervenção ativa para lidar com uma narrativa sobre os acontecimentos que se apresenta como o próprio acontecimento, reivindicando uma condição de lugar de verdade na produção do entendimento sobre a realidade social. (MACIEL, 2000, p.14-15)

É deveras importante à observância desse aspecto, destacado pelo autor, em que a interpretação dos fatos (narrativa dos jornais) reivindica para si o estatuto do próprio fato. Cada traço, cada palavra são portadores de significado para esses eventos. Portanto, o que fica na memória invisível é o que ainda não foi compartilhado e que de alguma forma pertence a um arquivo. Segundo Assmann (2011), esse processo traz à tona o quão precária é a fronteira que a cultura constrói entre arquivo e descarte. O que existe no estado de latência momentaneamente inacessível pode, no que tange à memória, ser redescoberto por uma época posterior, reinterpretado e imaginativamente reavivado por ela.

CONCLUSÕES



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Na busca de conhecimento, no estabelecimento e desenvolvimento do homem na sociedade, várias foram as maneiras encontradas como meio de registrar a passagem do homem pela terra e das histórias que ele constrói, esses registros passaram a ser denominados documentos. Ao longo dos tempos, esse termo adquiriu várias interpretações nos estudos dos cientistas da informação e dos arquivistas. Tornaram-se testemunhos das imagens que a memória escrita fornece do olhar cotidiano, sendo aos poucos construídas, vão revelando o *modus vivendes* da época.

Nesse percurso os dados, os traços deixados se transformam em documento da história. Portanto, ao se debruçar sobre o arquivo, em relação às memórias do passado, estes mudam de acordo ao que se pretende. Enquanto valor histórico ele é recolhido por determinada função e repositório de objetos; para a memória da cidade e das pessoas, hoje, esses registros funcionam como patrimônio, pois carregam consigo outros valores além do histórico, cultural, e social, também carregam o emocional. e para aqueles que não possuem vínculos emocionais, sociais, históricos, este, é um local de armazenamento desses documentos e objetos que estão sujeitos a um determinado fim. Dessa forma, para a memória coletiva esses vestígios deixados da cultura são traços, suportes, monumentos que esteiam a sociedade e sustentam os vínculos como forma de se manter uma memória. A memória coletiva, nesse sentido, valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Dantas. **Documentário histórico ilustrado de Itabuna.** Itabuna: Lourival Jácome, 1986. 2.^aed



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural.** Tradução: Paulo Soethe. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares-Introdução a uma antropologia da sobremodernidade.** Lisboa: 90° Editora, 2005. Trad. Miguel Serras Pereira
- BANDEIRA, Cláudio; OLIVEIRA, Meire. A evolução da sociedade. In: BANDEIRA, Cláudio; OLIVEIRA, Meire. **Jornal A Tarde. Edição especial.** Salvador, domingo/agosto, 2012.
- BERGSON, Henri. **Matière et mémoire.** Espagne: GF Flammarion, 2012.
- BLOCH, Marc. **A terra e seus homens.** Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- CASTELLO, José Aderaldo; José Lins do Rêgo. Modernismo e regionalismo. In: CASTELLO, José Aderaldo (Org.). **Gilberto Freyre e o movimento regionalista e tradicionalista do Nordeste: seu equacionamento com o modernismo brasileiro.** São Paulo: Edart, 1961.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Petropolis: Editora Vozes, 1980.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- COUTINHO, Afrânio. (Org.) **A literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955, vol. I t. I.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Revista dos tribunais. 1990. Disponível em www.ebah.com.br/contest/ABAAAFXQAL/Maurice-halbwachs-a-memoria-coletiva. Acesso em 05 ago. 2013.
- JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil.** Niterói, RJ: EDUFF, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. A da Unicamp, 1990. Tradução Bernardo Leitão.
- MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro. et al. **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'água, 2000.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro.** Ilhéus, BA: Editus, 2002.
- ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna: trajetória. Signos e significados.** Ilhéus, BA: Editus, 2003.
- ROSENDHAL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- SILVA, Márcio Seligma. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes.** Campinas-SP: Editora UNICAMP. 2003.
- TORINO, I. H. da Costa.: **A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade.** In: Contribuciones a las Ciencias Sociales, Diciembre 2013. Disponível em www.eumed.net/rev/cccs/26/memoria-social.html Acesso em 2014.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ARQUIVO MATERIAL CONSULTADO

JORNAL *A Tarde*. Edição especial. Salvador, domingo/agosto, 2012.

JORNAL *O Echo*. Itabuna, n.º6, anno I, redator e gerente: A. M. Martins da Silva, fundador: Perolino Pimenta. 1925.

JORNAL *O Esporte*. Itabuna, anno 1, n.º7, diretor: Branco e Moreno, 1922.

JORNAL *O Fanal*. Itabuna, anno III, n.º8, diretor: Ottoni J. Silva, José Kfoury, Gerente Hermenegildo Souza, 1935.

JORNAL *O Labor*. Itabuna, ano X, n.º24, proprietário: Mares de Souza, 1914.

JORNAL *O Pharol*. Itabuna, anno 1, n.º 1, diretor: Mário Baracho, 1925.

JORNAL *Voz de Itabuna*. Itabuna. ano IV, n.º162, Secretário-Gerente: Gidalthi Pereira, Francisco Ribeiro, 1952.